

Abordagem Clínica da Informação: o imaginário Biblioteca/Google na perspectiva dos nativos digitais

*Clinical Approach of Information:
The Library/Google imaginary from
the perspective of digital natives*

Maria Leonor Amorim Antunes

**Escola de Ciência da Informação
Universidade federal de Minas Gerais
mariaamorimm@gmail.com**

Resumo

O presente artigo deriva de uma pesquisa que discorreu sobre a biblioteca e o buscador Google (Antunes, 2015). Tem como objetivo exemplificar a investigação de fenômenos infocomunicacionais através da Abordagem Clínica da Informação, considerando as dimensões simbólicas e o imaginário. Observa-se que podem ser atribuídas ao buscador Google inúmeras mudanças na forma de aprender, de interagir e de se pensar a informação. Sendo assim, indaga-se: qual o papel que essa companhia desempenha na vida de estudantes e qual o confronto ou relacionamento com a biblioteca enquanto canal de pesquisa? Dados foram coletados por observação não participante e entrevistas semiestruturadas, realizadas com quatro alunos entre 14 e 17 anos de idade. A escola pesquisada tem uma filosofia educacional inspirada na *Escola da Ponte* (Portugal), que tem na atividade de pesquisa o núcleo do método de ensino. Esta seção pretendeu, portanto, verificar como os participantes retratam a biblioteca e o Google, escolhendo imagens e associações. Embora tenha sido provado que a biblioteca não é considerada fonte de informação para a amostra, a evidência mais estimada foi o imaginário evocado pela mesma. A biblioteca, nessas reproduções, foi representada como um organismo vivo e fascinante. Com relação ao Google, a presença do buscador provou-se consolidada no dia a

Abstract

*This article results from a research about the library and the Google Search Engine. It aims to exemplify an investigation of info-communicational phenomena through the Clinical Approach of Information, considering the symbolic and imaginary dimensions. Literature attests that several changes in the way of learning, interacting and thinking the information can be attributed to Google. Reflecting especially on the search for information, what role does this company play in the life of students and what is the confrontation or relationship with the library as a research channel? Data were collected by non-participant observation and semi-structured interviews with four students between 14 and 17 years of age. The school studied presents an educational philosophy inspired by the *Escola da Ponte* (Portugal) and research activity is the core of the teaching methodology. Therefore, this section of the research aimed at verifying how the participants portray the library and Google, choosing images and associations. Although it has been proven that the library is not considered as an information source by the sample, the most estimated evidence was the subjectivity evoked by it. The library is considered a living and fascinating organism in these representations. Regarding to Google, its presence has been proven consolidated in the daily life of youth and the strength of the brand became very evident. It is considered that the*

dia dos jovens e a força da marca tornou-se evidente. *Clinical Approach of Information can help providing an analytical framework with premises for a new understanding of the library by the youth.* Considera-se que a Abordagem Clínica da Informação pode oferecer um referencial de análise com premissas para uma nova compreensão da biblioteca pelos jovens.

Palavras-chave: Abordagem Clínica da Informação. Biblioteca. Google. Imaginário. **Keywords:** *Clinical Approach of Information. Library. Google. Imaginary.*

1. Introdução

Segundo Callegaro (2011), a ideia de que o comportamento humano e o pensamento consciente sofrem influência de instâncias internas da mente tem uma longa história que, no Ocidente, provém de Hipócrates e Galeno. Callegaro (2011) declara ainda que no decorrer dos dois últimos milênios a visão sobre o inconsciente sofreu significativas alterações, mas esteve sempre presente no pensamento humano. O presente artigo observa o papel das manifestações inconscientes na determinação do comportamento humano (mais especificamente o comportamento informacional). Provém de trabalhos que discorreram sobre a biblioteca e o buscador Google (Antunes, 2015; Antunes, Paula & Sirihal Duarte, 2016) e almeja demonstrar a investigação de fenômenos infocomunicacionais através da Abordagem Clínica da Informação (ACI), considerando as dimensões simbólicas e o imaginário.

1.1 O que é a Abordagem Clínica da Informação?

A Abordagem Clínica da Informação ascende como um módulo de conhecimento iniciado a partir de estudos de Paula (1999, 2005, 2011, 2012, 2013); autor que se dedicou a reunir os conhecimentos e contribuições da psicologia aos apontamentos da Ciência da Informação. Segundo ele, estamos vivendo em "contexto informativo desafiador" no qual o uso da informação, a gestão do conhecimento e a apropriação de informações pelo sujeito (especialmente) passam por uma reconfiguração peculiar. Neste novo cenário, a informação é cada vez mais marcada pela ação dos "desejos e vicissitudes da subjetividade humana" (Paula, 2013, p.2).

Sendo assim, mostra-se apropriado desenvolver uma sensibilidade capaz de vincular as teorias e práticas informativas com as relações humanas. Ele diz que hoje em dia o foco dos gerentes e pesquisadores incide pragmaticamente nos resultados (produtos e serviços de informação

em si), enquanto a "conduta pessoal e interpessoal" (precisamente o que motiva e justifica os requisitos de gestão do conhecimento e da informação) permanecem pouco discutidas (Paula, 2013).

Como detalha Araújo (2013, p.48, grifo nosso):

Proposta por Paula (2011, 2012) esta abordagem apresenta a possibilidade de investigar o comportamento informacional considerando a influência de elementos culturais, simbólicos, cognitivos e afetivos, assim como os fatores psicodinâmicos - conscientes e inconscientes. O autor sugere a expressão "Abordagem Clínica da Informação" para designar uma perspectiva de trabalho inspirada na designação francesa *approche clinique* que tem por característica um olhar profundo do fenômeno da informação, utilizando-se de uma **perspectiva clínica** (sem o viés psicopatológico) para atingir níveis de análise não usuais nos estudos comportamentais e cognitivistas tradicionais. [...] o método clínico tem como principal preocupação o recolhimento de dados e informações sem isolá-los da situação "original" em que foram reunidas e do contexto em que se inserem.

A abordagem francesa refere-se a uma corrente de estudos que trabalha as relações históricas entre a psicologia clínica e a psicanálise. Como concordam Aguiar (2001) e Machado (2010), França e Estados Unidos reivindicam as procedências da psicologia clínica. Aguiar (2001) declara ainda que a noção de método clínico se inclui na estreita conjunção entre psicologia clínica e psicanálise, formulada na França nos termos de uma "unidade da psicologia".

Especificando a palavra clínica em sua etimologia, cabe lembrar o que Costa e Brandão (2005, p.34) propõem em seus estudos – sobre psicologia com propostas de intervenção social – ao retomar Barbier (1985, p.45): a palavra clínica provém do grego, *kliné* e significa "procedimento de observação direta e minuciosa". Para Sévigny (2001, p. 15) a etimologia da palavra clínica declara também o efeito da observação direta "junto ao leito do paciente".

Ao refletir sobre os motivos de se adotar a designação "clínica", pode-se evocar Plaza (2004, *apud* Avellar, 2009, p.14) que, na sua definição de psicologia clínica, afirma que o clínico busca compreender o indivíduo intimamente em suas aspirações, códigos e representações assume um quadro teórico "necessariamente em movimento e confronta as suas referências com a complexidade das diversas situações que se apresentam". Assume-se no presente artigo que este deveria ser o mote de qualquer apropriação feita desse nome.

Sintetizando, D'Allones (2004, p. 74) elege a definição de W. Huber (1987):

“É essa relação de troca que prevalece provavelmente na constituição desenvolvimento e vida de nossa disciplina. Um Clínico confrontado com problemas práticos volta-se, cedo ou tarde, para uma ou várias disciplinas fundamentais na esperança de nelas encontrar resposta a alguma de suas indagações. A insuficiência da teoria para explicar ou resolver o problema dá lugar a remanejamentos da teoria que podem levar a modificações da prática cujos resultados por sua vez influenciam a teorização”.

Considera-se, portanto, que uma Ciência da Informação conectada com os desafios evocados pelas primeiras décadas do século XXI dirige seu campo de observação dos sistemas informacionais para os sujeitos com que interagem e isso a aproxima do delineamento postural proposto pela psicologia clínica. Sendo assim, a apropriação do termo pela Ciência da Informação justifica-se devido: a fluidez e abrangência da matéria do estudo de ambas; a pluralidade de referenciais de análise e possibilidades de discussão que essa matéria de estudo suscita e a inexistência de uma rigidez conceitual nos dois campos; o que abre as portas para que ocorra um diálogo conceitual e metodológico. Emprega-se o vocábulo, ainda, para indicar o encadeamento entre a prática e teoria, por entender que ambas passam a se interconectar. Confirmando esta assertiva, Avellar (2009) afirma que as atividades de observação, descrição e explicação se constituem na dupla fundamentação da clínica: a elaboração e a aquisição de um saber teórico e no campo da prática. No entendimento de diversos autores da área, a prática constantemente desafia a teoria convocando-a para a sua auto reformulação.

1.2 A Abordagem Clínica na Ciência da Informação

A pesquisa a que se refere este artigo adentra em uma das especialidades da ciência da informação (CI): os estudos de usuários; matéria de vital importância para profissionais que desejam compreender o indivíduo e suas necessidades de informação e, conseqüentemente, aperfeiçoar suas linhas de ação. A noção de estudos de usuários vem sendo progressivamente aprimorada desde a definição de Figueiredo (1994, p.7), segundo a qual: “trata-se de investigações destinadas a saber o que os indivíduos precisam em matéria de informação”. A trajetória histórica realizada por Batista e Cunha (2007) atesta que nas últimas cinco décadas a temática tem sido amplamente analisada nas mais variadas perspectivas. No cenário mais atual Amaral (2014), citada por Cunha, Amaral e Dantas (2015, p. 36), reforça o caráter interdisciplinar e a valorização da pesquisa para a área ao retratar o conceito de estudo de usuários como:

Um campo interdisciplinar do conhecimento que, no âmbito da Biblioteconomia e da Ciência da Informação, a partir da aplicação de diferentes métodos e técnicas de pesquisa, possibilita a análise dos fenômenos sociais e humanos relacionados com os diferentes aspectos e características da relação do usuário com a informação em suas ações, comportamentos e práticas informativas.

Como se pode notar, são muitos os entendimentos necessários para compreender a relação do sujeito com a informação. Estas noções se encontram inseridas em estruturas teóricas diferentes e, por vezes, não explícitas. Uma vez que os estudos de usuários acompanham diretamente os caminhos da ciência da informação, a Abordagem Clínica permeia uma proposta de um referencial adicional de estudo, sem contudo, abdicar dos 'modelos' e 'paradigmas' já consolidados na arena da CI e dos estudos de usuários.

Analisando a literatura, Gasque e Costa (2010, p. 29) sugerem ter havido, metaforicamente, um 'salto quântico' nos estudos da área, causado justamente pela ampliação do olhar na compreensão da complexidade dos fenômenos sujeito/informação. Segundo elas, a base teórica da ciência da informação precisa sustentar-se "na ideia de um campo ortogonal" de perspectivas interdisciplinares, permanecendo a necessidade de aprofundar-se em cada um deles. Deste modo, a proposição que se segue pondera a pertinência de incorporar o viés psicológico no teor epistemológico da CI e discute a abordagem clínica da informação como possibilidade metodológica para estudos de usuários.

A análise de alguns excertos mostra indícios de que, ainda que de maneira implícita, se faz presente a existência de uma linha que explicita por que os aspectos interiores (tais como pensamentos, emoções, sentimentos) agem sobre as ações humanas e respondem pela maneira como o indivíduo toma atitudes, se posiciona socialmente e age diante da informação. Muito embora este interesse não tenha sido retratado expressamente em questões terminológicas, verifica-se que existe um espaço para aprofundar as questões psicodinâmicas (teorização dos aspectos psicológicos que agem sobre o comportamento humano, enfatizando a interação entre as motivações consciente e inconsciente). São exemplos:

Segundo Kuhlthau (2004), o processo de busca de informação é interativo e cada estágio pode ser associado a estados cognitivos e *afetivos*. Constata-se, nessa perspectiva, que alguns estágios "são mais difíceis para os estudantes do que outros" (Fialho, 2010, p.167)

As pesquisas buscavam conhecer as *características únicas* de cada usuário e o processo cognitivo comum à maioria deles, abordando questões como categorização técnica, memórias de curto e longo prazos, estilos de aprendizagem, *motivação*, tipos de *personalidades* e fatores semânticos (Gasque & Costa, 2010, p.28).

Mais que isso, caracteriza-se, também, pela ênfase na interação entre os contextos cognitivo, social, cultural, organizacional, *afetivo* e fatores linguísticos, em que o fenômeno do comportamento informacional é parte do processo de comunicação do ser humano. (Gasque & Costa, 2010, p.29).

Diversas conjunturas utilizam conceitos, teorias e ferramentas oriundos da psicologia no estudo do homem e das sociedades, o que conduz ao entendimento de que a CI tem a se beneficiar ao fazer o mesmo. Sendo assim, afirma-se a conveniência em compreender de forma científica a sistematização das forças psicológicas atuantes sobre o sujeito e devotar atenção especial a elementos como a subjetividade e as bases conscientes e principalmente as inconscientes.

1.3 Por que empregar a ACI na pesquisa?

O emprego da Abordagem Clínica da Informação neste estudo encontra-se fundamentado em duas premissas. Uma delas é o fato de que os seres humanos nem sempre conseguem manifestar o conteúdo real de seus pensamentos e nem sempre entendem esse conteúdo de forma racional; fator que interfere diretamente na coleta e averiguação de dados. Em segundo, pressupõe-se existir um imaginário individual e coletivo a circundar a biblioteca e o Google; sendo que a percepção e as representações que em geral as pessoas têm sobre estes espaços, parecem sugerir uma construção a partir de bases mais inconscientes que conscientes.

No momento de empreender um estudo de usuários, ainda que o cenário holístico (tal como momento histórico, elementos culturais, núcleo social, condições econômicas, dentre outras) não fosse determinante, ainda seria preciso atentar para as características próprias do sujeito. Podem existir mecanismos de defesa do entrevistado (fuga, recusa, ignorância, reticência), disparidades entre o que o sujeito declara e o que seu comportamento demonstra (gestos, fisionomia, entonação), pode haver dificuldades com a expressão, com a linguagem, incompreensões dos conceitos ou diversos outros ruídos que atrapalham a comunicação e a fluência da informação. A seguir mencionam-se dois casos nos quais os aspectos subjetivos e inconscientes assumem grande relevância:

Rapport com o entrevistado

Além do vasto referencial de análise um dos grandes préstimos trazidos pela Abordagem Clínica da Informação está no contorno de obstáculos, das barreiras na comunicação. Inicialmente a primeira estratégia empregada consistiu em retomar o princípio da cartografia afetiva (na verdade a abordagem desenvolvida por Tassara & Rabinovich, 2001) e convidar os participantes a falar de si mesmos: “quem é você?”; “fale-me um pouco sobre você”. Este artifício provou-se valioso para conseguir uma aproximação efetiva com os entrevistados e quebrar a tensão inicial, deixando-os mais à vontade, mais interessados e participativos. O encorajar da livre expressão é também útil para minimizar eventuais vieses derivados do desconforto do sujeito pesquisado; que pode ter atitudes de falar o que acha de “deve” ou o que acha que o entrevistador “espera ouvir”.

Fluência das entrevistas

Outra contribuição para a obtenção de dados faz-se através da associação simbólica, que revela dentre outros o imaginário. Consiste na aplicação de perguntas simples e diretas, aparentemente desconexas de um objetivo, porém cuidadosamente selecionadas. Atende a dois momentos: ao perceber a investigação atravancada e para assegurar que foi obtida com fidelidade a impressão dos participantes emitida em outras fases da coleta. Ressalta-se neste procedimento, a capacidade incisiva de detectar problemas ou condições que abertamente não conseguiriam ser explicitadas pelo sujeito: o que ele sabe, mas não “sabe que sabe”, o que nunca “parou para pensar” ou o que sabe, mas não consegue expressar.

Como exemplo, traz-se um momento estacado da coleta de dados da dissertação Comportamento informacional em tempos de Google (Antunes, 2015):

Entrevistadora: Vamos falar sobre a biblioteca?

Aluno: Ah, biblioteca é doido né...

Entrevistadora: Doido como?

Aluno: Ah é massa, legal pra caramba...

Entrevistadora: Mas o que você acha da biblioteca de uma forma geral, da biblioteca da escola?

Aluno: Ah, não acho nada assim, específico... Acho que tem sua importância sem dúvida.

Reticência, entrevista atravancada.

Entrevistadora: Se você fosse comparar a biblioteca com um estágio da plantação, dentre semeadura, colheita, pós-colheita... O que você escolheria?

Aluno: Hoje em dia? Eu acho que a biblioteca seria uma planta que estaria murchando.

Entrevistadora: Por quê?

A entrevista se desdobra

Aluno: Acho que falta repensar aquela coisa clássica de se procurar alguma coisa, de ir até a biblioteca (...).

Deste modo, empregou-se o apelo ao simbólico e ao metafórico para acessar o universo particular do indivíduo, uma vez que este traz elementos de entendimento sobre a forma como indivíduo se relaciona no espaço e no tempo com a biblioteca e o Google. Encontram-se, no depoimento do sujeito, suas afinidades emocionais, suas reproduções de imagens simbólicas, seus sentimentos, suas representações mentais e padrões de comportamento. É, observa-se, essa profusão de elementos que conecta e influencia seus atos racionais. Propôs-se, portanto, considerar a hermenêutica dessas dimensões (simbólica e afetiva); intrínsecas ao processo de busca, seleção, interpretação e uso de informações.

2. Contexto da pesquisa e objetivo geral

Como ensina Castells (1999), a partir das décadas de 1960 e 1970, observou-se a emergência de um “novo mundo” onde a sociedade, economia e a cultura passaram a ser interligadas e mediadas pela tecnologia. As revoluções trazidas pelo advento dos computadores e o surgimento da Internet, transformaram visceralmente a forma de organização da sociedade. A disseminação da informação passa a acontecer em níveis nunca antes experimentados, o que caracteriza a chamada Era da Informação ou Sociedade da Informação.

A expressão 'Sociedade da Informação' refere-se portanto, a um modo de desenvolvimento social e econômico, em que a aquisição, armazenamento, processamento, valorização, transmissão, distribuição e disseminação de informação desempenham um papel central na atividade econômica, na geração de novos conhecimentos, na criação de riqueza, na definição da qualidade de vida e satisfação das necessidades dos cidadãos e das suas práticas culturais (Legey; Albagli, 2000).

O maciço volume de dados aliado às novas tecnologias já consolida uma nova realidade. Nos últimos anos, observa-se uma transformação na forma como a informação é trabalhada. Através da Internet a difusão de dados acontece de maneira global e instantânea. Além do

acesso à informação, as pessoas podem obter, produzir e compartilhar conteúdo de um modo nunca observado antes na história. Neste contexto, o indivíduo, membro da chamada Sociedade da Informação, passa a usufruir de práticas informacionais sistematizadas pela Internet, considerada atualmente como um veículo tecnológico de comunicação e informação. Este veículo passa a sustentar categorias estruturais para o surgimento de outro tipo de prática informacional; configurada em uma lógica de redes, cujas complexas e multilaterais relações merecem ser investigadas.

No âmbito educacional a Internet também tem inspirado transformações. Dentre os métodos de ensino até o aprendizado de fato (etapas estas do processo educativo), colocam-se inúmeras variáveis. O foco da discussão deste trabalho se situa em uma delas: a busca de informação. Sabe-se que a pesquisa escolar ou a prática da lição de casa leva o aluno a fazer pesquisas na Internet e a utilizar a Rede como referência. O que se observa é que mesmo em espaços onde tal tendência não existe expressivamente, a Internet é considerada inexoravelmente veículo de informação. E uma vez que esta é mediada pelos motores de busca, mostra-se interessante avaliar as circunstâncias de sua utilização.

2.1 Por que o Google?

Diversos sistemas de busca na Internet foram criados antes e após o Google. Entretanto, este se especializou, diferenciando-se dos demais. Nos últimos anos, o Google tornou-se não só a ferramenta de busca mais popular da Internet, mas principalmente um fervoroso fenômeno cultural. Este motor de busca (que virou até verbo -“Googlar”) mudou a forma como a informação é obtida e julgada. E foi ele que passou a gerenciar as fontes de informação eleitas por milhões de usuários.

O Google constitui uma empresa peculiar. Surge em 1998, quando Sergey Page e Larry Brin, estudantes da Universidade Stanford, nos Estados Unidos, estabelecem uma parceria, alugam uma garagem e decidem colocar em prática suas pesquisas no campo de busca de informações. Trata-se de uma marca onipresente: o lema da empresa é “Não seja mal” e tem a auspiciosa missão de “Organizar toda a informação existente no mundo e torná-la universalmente acessível e útil” (Sobre o Google, 2014).

A informação é o principal insumo e produto do Google e o principal serviço que a companhia oferece é o sistema de busca de informações determinadas por palavras-chave; precursor dos demais serviços e foco deste estudo. O usuário da Internet acessa o site Google de forma gratuita, digita um termo de busca e o sistema apresenta as páginas da Internet indexadas com termos relativos àquela palavra digitada (Santana, 2008).

Como alega Pereira (2009), é importante salientar a estratégia concorrencial da companhia de valorização de acesso à sua rede. A constante atividade de desenvolvimento, especialização e disponibilização de produtos gratuitos (até então) e tecnologicamente inovadores, faz com que a empresa estreite cada vez mais as fronteiras entre os produtos da Web e as necessidades do mundo real. Ao oferecer uma vasta gama de serviços e produtos que interferem diretamente na vida pessoal e profissional de seus usuários, a empresa Google impetra crescimento horizontal e possibilita que sua rede seja a dominante em seu nicho. Isto dificulta ou até mesmo impede o crescimento de redes concorrentes.

Ao acessar informações do Google, até janeiro de 2015, é possível identificar uma ampla categoria de produtos e serviços, dos quais se destacam alguns, apresentados no Quadro 1 (Sobre o Google, 2015).

Quadro 1 – Principais produtos e serviços Google

<p>Pesquisa na Web do Google Pesquise bilhões de páginas da Web</p> <p>Barra de Ferramentas Google Adicione uma caixa de pesquisa a seu navegador</p> <p>Celular Tenha os produtos do Google em seu celular</p> <p>Pesquisa para dispositivos móveis Pesquise no Google onde você estiver</p> <p>Google AdWords Atraia mais clientes e pague somente pelos resultados</p> <p>Google Meu Negócio Deixe sua empresa bem colocada na Pesquisa Google, no Google Maps e no Google+ sem pagar nada por isso</p> <p>AdMob Ganhe dinheiro com seus aplicativos</p> <p>Google Apps for Work Tenha serviços personalizados para sua empresa, como e-mail, documentos, armazenamento e mais.</p> <p>Google AdSense Gere receita on-line hoje</p> <p>Panoramio Explore e compartilhe fotos do mundo</p> <p>Pesquisa personalizada do Google Crie uma experiência de pesquisa personalizada para sua comunidade</p> <p>Trends Explore tendências de pesquisa passadas e atuais</p> <p>Grupos Crie listas de e-mail e grupos de discussão</p> <p>Google for Education</p>	<p>Google Chrome Um navegador desenvolvido para ser rápido, simples e seguro</p> <p>Favoritos Acesse seus favoritos e itens marcados com estrela</p> <p>Maps para dispositivos móveis Veja sua localização e mapas. Trace rotas em seu telefone</p> <p>YouTube Assista, envie e compartilhe vídeos</p> <p>Pesquisa de imagens Pesquise imagens na web</p> <p>Pesquisa de Vídeos do Google Pesquise vídeos na Web</p> <p>Google Livros Pesquise textos completos de livros</p> <p>Notícias Pesquise milhares de notícias</p> <p>Picasa Encontre, edite e compartilhe suas fotos</p> <p>Google Maps Visualize mapas e rotas</p> <p>Google Earth Explore o mundo a partir de seu computador</p> <p>Google Acadêmico Pesquise artigos acadêmicos</p> <p>Google Cloud Print Imprima em qualquer lugar e de qualquer dispositivo</p> <p>Blogger Compartilhe sua vida on-line em um blog. É rápido, fácil e gratuito</p> <p>Hangouts Conversas que ganham vida. A qualquer hora e em qualquer lugar, gratuitamente</p>	<p>Gmail E-mails rápidos e pesquisáveis com menos spam</p> <p>Drive Crie, compartilhe e mantenha todo o seu conteúdo em um só lugar</p> <p>Documentos Abra, edite e crie documentos</p> <p>Apresentações Abra, edite e crie apresentações</p> <p>Desenhos Crie diagramas e fluxogramas</p> <p>Planilhas Abra, edite e crie planilhas</p> <p>Formas Crie pesquisas gratuitas</p> <p>Google Sites Crie websites e wikis de grupo seguros</p> <p>Agenda Organize sua agenda e compartilhe eventos com seus amigos</p> <p>Tradutor Traduza textos, páginas da Web e arquivos instantaneamente em mais de 50 idiomas</p> <p>Google Keep Salve o que você estiver pensando</p> <p>Google Code Ferramentas, APIs e recursos para desenvolvedores</p> <p>Google+ Compartilhamento real repensado para a Web</p>
--	--	--

Fonte: Sobre o Google

Devido a todos estes serviços e produtos, o historiador cultural e professor da Universidade da Virgínia, Siva Vaidhyanathan, dedicou o livro “A Googlelização de tudo”, para refletir sobre essas questões. Ele ressalta que o Google se tornou uma parte necessária e incrivelmente natural do dia-a-dia e se pergunta: como e por que aconteceu? Ele também afirma que a empresa está mudando os alicerces em que percebemos e valorizamos as coisas e como navegamos no mundo das ideias e culturas. Em outras palavras, estamos moldando a interface e as estruturas do Google em nossas percepções. A prova disto é que seu motor de busca já vem sendo confundido com a própria Internet ao ponto de tornar indissociado da mesma por alguns usuários. Como declara Sanchez-Ocaña (2013, p.49):

Para milhões de internautas em todo o mundo, possivelmente para os menos especialistas, o Google “é a Internet” (...) Não é estranho escutar comentários confusos como “vou entrar no Google”, quando na realidade, referem-se a se conectar à Rede.

Esta incidência trouxe bastante inquietação. Diversos pesquisadores criticam a naturalidade com que o buscador se instalou no cotidiano de milhões de pessoas e tornou-se um intermediário entre o sujeito e a torrente de dados disponível na rede. Através de estudos científicos são levantadas questões como: as ávidas aspirações da corporação (Sanchez-Ocaña, 2013); a censurada falta de transparência por parte da empresa (Kattenberg, 2011); o questionamento à privacidade de seus usuários e a possível dependência da parte destes (Mieli, 2009); o monopólio da rede (Kulathuramaiyer & Balke, 2006); a manipulação dos resultados de busca (Feuz, 2011; Epstein, 2014); a falsa neutralidade e imparcialidade do buscador e das respostas oferecidas (Parisier, 2012); a abrangência de conteúdo (Salo, 2006 *apud* Godwin, 2006) e a ideia que muitos fazem de que tudo está na Web e pode ser acessado pelo Google (Egger-Sider & Devine; 2005 *apud* Godwin, 2006)

Atentando a outras questões, não características da companhia em si, mas do efeito que imprime em seus usuários, outros estudos que demonstram que as facilidades trazidas pelo Google causam mudanças cognitivas e comportamentais. Existem limites, em termos cognitivos, para o quanto de informação as pessoas podem processar. Devido ao boom informacional Small (2009) aponta uma transformação em curso no cérebro das pessoas. Sparrow, Liu e Wegner (2011) declaram que a informação em si está sendo substituída pela habilidade de identificar onde esta poderá ser encontrada. Em decorrência, tem-se o argumento de Carr (2009, 2011) abordando a questão do pensamento crítico: ele alerta que

o sujeito está se tornando mero replicante de informação, sem capacidade para decidir o que é de fato significativo. Correlatamente, Diaz-Isenrath (2005), na análise da tradução dos interesses e necessidades dos usuários do Google, revela que o que estes querem é encontrar informação de uma maneira “fácil” e “rápida”. A esta afirmação confronta-se a emergência de uma nova técnica cultural identificada por Mieli, (2009): a “Síndrome do Cópia e Cola”. Além da originalidade nas produções, muito tem se pensado também nos desdobramentos que a preterição da escrita cursiva pode ter no aprendizado e no comportamento informacional. Estes reflexos são retratados nos estudos de James (2012) e Berninger (2012); outro desdobramento trazido pelo “Cópia e Cola”, por sua vez facilitado pelo Google.

2.2 Problematização e objetivos

Observa-se que podem ser atribuídas ao buscador inúmeras mudanças na forma de aprender, de interagir e de se pensar a informação. Um dos reflexos de tantas alterações pode ser percebido na classe bibliotecária. Miller (2005) alega que os recursos oferecidos pela companhia, principalmente no que tange a prontidão e agilidade com que fornece as respostas em seu mecanismo de busca, tem feito muitos bibliotecários começarem a se sentir desnecessários e inseguros nestas condições. A desvinculação dos usuários da dependência de biblioteca enquanto edifícios e coleções (Miller, 2005) pode realmente ser visualizada como uma convergência à desintermediação e desinformação. Porém pode igualmente indicar a necessidade de um profissional qualificado – o bibliotecário – para avaliar e atenuar estas inconveniências.

Isto posto, instituiu-se como problema de pesquisa questões relacionadas ao comportamento informacional de estudantes na era Google: qual o papel que esse gigante desempenha em suas vidas e qual o confronto ou relacionamento com a biblioteca como ambiente de pesquisa? As fontes de informação foram amplamente expandidas e a busca de informações foi estruturalmente renovada, especialmente entre os jovens. Dessa forma o presente artigo objetiva descrever a observação de como esse fenômeno está ocorrendo e, paralelamente, as novas bases estruturantes da busca de informação e qual sua relação com o Google e a biblioteca.

3. O que foi feito? O percurso metodológico

A pesquisa aplicada foi de caráter qualitativo e compreendeu essencialmente um estudo de usuários. Os dados foram coletados por observação não participante e entrevistas semiestruturadas. A etnometodologia foi utilizada para a observação durante o período de aproximadamente dois meses. A perspectiva etnográfica orientou a presença da pesquisadora em sala de aula, integrando-a no espaço escolar; para que os alunos não se sentissem perturbados e alterassem o comportamento usual com que realizam suas atividades rotineiras. Completando a observação, os alunos responderam três entrevistas em diferentes momentos: um geral, para entender sua conexão e afinidade com o Google e a biblioteca; a segunda, seguindo os processos de busca de informação para verificar métodos e procedimentos de aprendizagem e uma última, comparando os resultados anteriores e verificando como a pesquisa escolar realmente foi produzida.

3.1 A Escola

A escola pesquisada é uma instituição privada, situada na cidade de Belo Horizonte, que atua do jardim de infância ao ensino médio. Com uma filosofia educacional inspirada na *Escola da Ponte*, em Portugal; tem uma proposta pedagógica diferenciada e pode considerada inovadora no Brasil, uma vez que difere de grande parte das demais escolas existentes no país. Desde o início de 2014, a escola vem implementando mudanças nos padrões tradicionais de ensino, que envolveu o surgimento de um currículo aberto e reformas físicas no ambiente escolar. Segundo os dirigentes da instituição, a peculiaridade deste novo modelo, focado em bases construtivistas, enfatiza a autonomia do sujeito e adota a pesquisa acadêmica como a ferramenta essencial para a aprendizagem efetiva e a consolidação da educação.

A proposta da escola é substituir a pesquisa escolar convencional (solicitada pelo professor e trabalhada em casa) por uma alternativa onde a pesquisa passa a se tornar parte do dia a dia da escola e um componente do método de ensino. Supõem seu propositores que, assim, ela possa atuar para despertar o espírito científico dos alunos, suas habilidades relacionadas à informação e seu interesse pelo aprendizado ao longo da vida:

Se desejamos formar jovens pesquisadores, produtores de conhecimento, capazes de contribuir para a transformação do mundo, é essencial que desenvolvam o espírito investigativo, aprendendo a lidar com a pesquisa. Por isso, desde a

Educação Infantil até o Ensino Médio, a pesquisa constitui a estratégia prioritária de produção de conhecimento (Plano Político Pedagógico, 2015).

A diferença mais evidente em relação às escolas tradicionais pode ser constatada no ambiente físico da instituição: não há paredes, nem salas de aula ou apresentações expositivas habituais. As “aulas” ocorrem nos salões, onde ficam dispostos estantes com livros didáticos e literários, computadores e mesas com 4 ou 6 cadeiras - nos quais os estudantes se organizam em grupos de trabalho e recebem roteiros temáticos. A proposta é que, através desse roteiro e dessa interação mais próxima, se inicie o processo de aprendizagem. O método de avaliação também é personalizado. O currículo é subdividido em módulos e os alunos são responsáveis por administrar o tempo, o prazo e as estratégias para completar os roteiros.

Os participantes

Foram entrevistados quatro alunos, com idade entre 14 e 17 anos, dois do sexo feminino e dois do sexo masculino. Esses jovens estão matriculados em um ciclo equivalente ao ensino médio. O perfil socioeconômico os qualifica na classe “média alta”. Todos eles declararam adquirir coleções próprias de livros e ter acesso fácil a outros materiais bibliográficos. Todos possuem computadores, todos têm acesso regular à Internet, alguns trazem para a escola seus próprios tablets e computadores, outros usam os da escola no momento das aulas.

A amostra procurou incluir esses alunos, porque tanto a faixa etária dos adolescentes em questão, como o acesso à Internet, os coloca na classificação alvo da pesquisa: os nativos digitais (Prensky, 2001; Palfrey & Gasser, 2008; Tapscott, 2009) ou Geração Google na classificação de Rowlands (2008). A escolha foi feita através de convite a estudantes específicos cujos comportamentos demonstrados (tais como preguiça e interesse em fazer bons trabalhos) despertaram interesse e curiosidade da pesquisadora. Os professores também foram convidados a expressar suas opiniões sobre a seleção. Os participantes foram identificados por números e não houve identificação por gênero.

4. Os dados obtidos

A observação e depois as entrevistas foram transcritas e organizadas de acordo com a fase de coleta de dados: entrevista geral, intermediária e final, com o confronto do material. Através desta organização, leituras sequenciais possibilitaram identificar evidências, características

que se tornaram mais claras e orientaram a definição das categorias de análise. Dada a impossibilidade de expor todas as categorias identificadas, apresenta-se o Quadro 2 com todos os conteúdos, mas detalha-se apenas os aspectos concernentes à emergência do Imaginário.

Quadro 2 – Categorias de Análise

CONSTRUÇÃO DO CONHECIMENTO
Método Construtivista Como os alunos percebem e definem o método construtivista de aprendizagem
Processo e método de trabalho Metodologia e desempenho dos alunos a partir dos roteiros.
Busca por Informação Biblioteca e Google como canais formais/informais de pesquisa: utilização, aproveitamento, demais considerações.
PARALELO BIBLIOTECA/GOOGLE
Efetividade O uso da biblioteca e do Google pesquisado pontualmente através da frequência e finalidade de uso.
Afetividade Sentimentos atrelados na relação com os ambientes. Hipótese de impedimento de uso e emprego dos verbos: sentir/gostar/representar/valorizar.
Imaginário Aproximação da biblioteca e do Google a: imagens, músicas, plantação, animais e pessoas.
AVALIAÇÃO GOOGLE
Preeminência Grau de discernimento e apreensão demonstrado pelos alunos diante das interrogações e suscetibilidades dirigidas ao uso do buscador, como privacidade e demais atitudes corporativistas
Polêmicas/conhecimento Grau de discernimento diante das eventuais vulnerabilidades a que se expõem diante do uso do buscador.
Queixas Percepções diante do <i>boom</i> informacional, privacidade e atitudes corporativistas

Fonte: Elaborado pela autora, 2015.

Foi estruturada uma série de perguntas que permitiu desenhar um paralelo entre biblioteca e Google, sem, no entanto, instigar uma comparação direta. Foi solicitado aos alunos que retratassem a biblioteca e o Google, escolhendo imagens e associações. Recordar-se Serbena (2010), que afirma que é através da imagem e da imaginação que atua o relacionamento entre o consciente e o inconsciente. A expressão intrínseca e criativa do sujeito foi explorada através do simbolismo contido nas imagens, sendo as categorias selecionadas: imagem livre, estilo musical, estágio de plantação, animal e pessoa.

Imagem livre:

Foi perguntado aos entrevistados qual a imagem vinha-lhes à cabeça quando pensavam nas bibliotecas e no Google. Emergiram conceitos abstratos e materiais; que transpareceram tradição, memória, suntuosidade, materialidade dos livros e a disposição física do ambiente. Considerando o Google, todavia, existiu pouca ou nenhuma representação imagética.

Para a biblioteca houve primeiro, a associação óbvia com os livros, de maneira correlata aos achados de Agosto e Hughes-Hassell (2005). Contudo, em um momento posterior os sujeitos da pesquisa passaram a evocar imagens e estabelecer associações mais elaboradas. O primeiro participante voltou-se às primeiras bibliotecas – ancestrais, como Nínive e Alexandria – indicando que as mesmas o rememoram tradição, sabedoria e suntuosidade ao passo que sugerem um espaço arcaico, que vigorou tempos atrás, mas que não faz parte do mundo contemporâneo, como mostra a fala *“Eu imagino aquelas bibliotecas enormes, imensas, antigas, da mesopotâmia, textos com papiro (...)”*. O segundo jovem também associou a biblioteca à imagem mais evidente: livros. Contudo, explicou enxergar nos livros a história do homem. Segundo ele, a biblioteca abriga os registros do conhecimento, da cultura e das produções humanas, sendo prova material do desenvolvimento do homem e da evolução da civilização. Sendo assim, elegeu a figura de Karl Marx como o que melhor retrata a biblioteca. O aluno seguinte também associou a biblioteca a livros, porém referindo-se à materialidade da biblioteca. Pensou o espaço físico, a disposição dos livros e móveis, atendo-se à funcionalidade do ambiente. Por fim, o último entrevistado associou a biblioteca a uma floresta; destruída, sombreada, porém com espaços que permitem a observação. Perguntou-se ao aluno o porquê dessa associação, ele disse que disse que a biblioteca serve como espaço de refúgio; quando está cansado e quer “fugir” de uma aula ou pessoa.

Praticamente a única imagem associada ao Google pelos participantes foi “a logo” (referindo-se à clássica logomarca do buscador). Eles não mostraram veemência em se estender mais. Quando então, insistindo, se solicitou que indicassem outra imagem, dois conseguiram estabelecer outra correspondência e escolheram a lupa (do box em que se dá o comando de busca), representando a ampliação do conhecimento e a página que revoca os resultados.

Música

Existe uma forte relação do sujeito com a música; é grande a influência dela no comportamento e personalidade do homem. Sobre isso, estudiosos concluem que a afinidade e percepção musical dizem muito sobre o sujeito, desde uma experiência emocional intensa da vida até as preferências políticas (Halpern, Bartlett & Dowling, 1995; Corrigan, Schellenberg & Misura, 2013; Rentfrow, 2012; Rentfrow & McDonald, 2009). Através da associação com estilos musicais procurou-se observar a relação dos entrevistados com as entidades investigadas.

O primeiro estilo associado à biblioteca foi a Música Popular Brasileira. O aluno justificou sua escolha dizendo ser “muito nacionalista” e estar estudando estilos literários e então associar a música aos escritores brasileiros. O *reggae*, por sua vez, foi apontado, pois representa para o segundo participante “uma *vibe* boa” e quando este se encontra presente em uma biblioteca, entra em sintonia com o espaço, tal como entra com a música. Os sentimentos de liberdade, inspiração e deferência também foram elencados por ele ao citar como exemplo as bibliotecas públicas: “qualquer um pode entrar e utilizar o espaço com respeito”. Dois outros participantes relacionaram a biblioteca à música clássica. Para um deles este estilo “tem lá seus méritos”, mas não gosta muito. Outro fez referência a classes da sociedade e à atmosfera da apresentação da orquestra; pois julga que a apreciação da música clássica depende da tranquilidade do ambiente, do silêncio, calma e de uma certa iniciação. Na concepção dele, tal como o acesso às bibliotecas, o gosto pela música clássica ainda é elitizado e assume ares de requinte ou difícil compreensão. Tal como a cultura de frequentar a biblioteca, nas palavras dele.

Com relação ao Google, as respectivas associações aos gêneros revelaram o POP, relacionado ao alcance do mesmo na sociedade, somado ao fato de o aluno associar o estilo ao apelo do mercado e a músicas pouco densas, nas quais muitas vezes são utilizados recursos tecnológicos. Outro estilo evocado foi o *trance*, vertente da música eletrônica, caracterizada como “frenética” pelo aluno. Os demais participantes não conseguiram fazer nenhum tipo de aproximação. Um deles achou “errado” escolher um estilo musical para o Google (que teria todos os estilos, dada sua abrangência).

Plantação

Utilizando etapas do desenvolvimento de plantações no campo para ilustrar a perspectiva da biblioteca e do Google, pediu-se que cada aluno os atribuísse um estágio do desenvolvimento como representação. As fases consideradas foram: semeadura, florescimento, colheita e pós-colheita. Cada etapa diferente e sequente da outra. O objetivo era saber que grau de desenvolvimento esses jovens adjudicavam aos dois “espaços”; se acreditavam que atingiram seu ápice, se precisam aperfeiçoar ou remodelar e se estão em decadência.

Sobre a biblioteca, um dos entrevistados disparou com desdém: “seria uma planta que estaria murchando”. Quando perguntado o motivo, se esquivou da pergunta, mas deixou a entrever que não acredita muito na proposta das bibliotecas nem na renovação destas propostas. Outro aluno acredita que a biblioteca ainda tem muito a se desenvolver. Mencionou acreditar haver uma diferença em relação aos países nos estágios de desenvolvimento e utilização da biblioteca. No Brasil, a fase apontada foi a de semeadura, mas em outros lugares que (segundo o aluno) valorizam mais os escritores e os usuários têm mais consciência do papel da biblioteca, a fase seria diferente. O acesso ao alcance das mãos colocou a biblioteca na fase da colheita para o terceiro participante, mencionando o “acesso livre e poder usufruir do que tem a mão”. O último também escolheu a colheita. Apesar deste aluno situar a biblioteca nesta etapa – o que na prática representaria a maturidade e o alcance completo em desenvolvimento e evolução – ele relata haver “problemas no discurso”, pois considera existir uma distinção entre o que as bibliotecas se propõem a fazer e o que fazem de fato.

Ao Google, o primeiro entrevistado não determinou uma fase específica, deixando entrever situá-lo entre o florescimento e colheita, pois acredita que este já “está bem formado”, mas “ainda pode surpreender” com a oferta de novas possibilidades. Os três outros atribuíram ao Google a colheita, dois oferecendo a mesma justificativa que a biblioteca: o motivo de disponibilidade “de ter tudo a mão”. Tal como viu discrepâncias de países na biblioteca, este aluno também acredita haver distinção entre o Brasil e outras nações – de que o Google oferece muitas opções que, no entanto, ainda são desconhecidas para a maioria dos usuários no Brasil – e acredita ser possível fazer um uso otimizado de tudo que o Google oferece.

Animais

Nesta etapa, os alunos foram muito pontuais. Ao perguntar aos entrevistados quais espécies ou tipos de animais poderiam ser empregadas para representar a biblioteca observou-se que os jovens indicaram animais cujas particularidades determinavam atributos como: seriedade, liberdade, instinto de sobrevivência, mistério e sabedoria. Para o Google, a interpretação da opinião deles revelou que o buscador é dotado de agilidade, esperteza, sabedoria e tem uma alta capacidade de introduzir-se na sociedade. Alguns referenciais podem ser empregados como recurso auxiliar para a interpretação dos símbolos. São exemplos desse empenho as obras de Chevalier (1986), Chevalier e Gheerbrant (1997), Lurker (1997) e Ferreira (2013). Esses autores reuniram, a partir de investigações e registros antropológicos de diversas culturas, relatos do sentido atribuído por elas a variadas imagens. Esses sentidos foram organizados e têm sido utilizados por autores como Paula (2005) e Araújo e Paula (2013) para, através do recurso da Amplificação das Imagens compreender os múltiplos sentidos possíveis de imagens evocadas pelos sujeitos de pesquisa em seus depoimentos. Segundo Samuels, Shorter e Plaut (1988), a amplificação compõe, juntamente com outras técnicas, o método desenvolvido por Carl Gustav Jung para a interpretação de conteúdos simbólicos. Quando da aplicação desse método o pesquisador, através das Associações diretas feitas pelos entrevistados (aquelas em que eles dizem claramente que essa imagem evoca aquela ideia, situação, pessoa ou coisa), busca determinar o contexto pessoal do uso da imagem pelo pesquisado. Já mediante o uso da Amplificação é possível ligar essas imagens a experiências e imagens universais; estabelecendo “paralelismos míticos, históricos e culturais a fim de esclarecer e ampliar o conteúdo metafórico do simbolismo (Samuels, Shorter & Plaut, 1988, p. 10) atingindo “o tecido psicológico” no qual a imagem se insere. No âmbito deste estudo, elegeu-se o referencial de Chevalier (1986) para analisar o que os depoentes pensam sobre a biblioteca e o Google.

Para a biblioteca, um dos entrevistados escolheu uma tartaruga (associando-a às ideias de vagareza e sabedoria), mas depois mudou de ideia e indicou o gato. Segundo ele, a indicação do animal se justifica na concentração e reserva do bichano: “um gato é aquele bicho mais concentrado, sério; mais ‘na dele’ assim”. Segundo Chevalier (1986) a figura do gato é bastante emblemática, assim como a águia, “algo oculto e misterioso”, escolha do segundo participante para a biblioteca. Este animal é símbolo do céu e sol ao mesmo tempo da

percepção direta da luz intelectual. O terceiro aluno aproximou a biblioteca com um pássaro. De forma geral, o pássaro simboliza os estados espirituais, os anjos, os estados mais elevados do ser. Ser elevado e distante, a escolha da ave, além de deixar transparecer a sensação de liberdade que o jovem vincula às bibliotecas, é também associada pelo depoente ao fato do pássaro “criar estratégias de sobrevivência” e “proteger a sua casa”. Ao mencionar a proteção, o aluno explicou se referir tanto ao sentido da conservação material, à integridade dos livros como no sentido intangível: a permanência das bibliotecas. O último associou a coruja à biblioteca, referindo-se à sabedoria e também à seriedade, mas principalmente à aquisição de conhecimento.

Este estabeleceu para a biblioteca a mesma relação com o Google, expressa na escolha da coruja para denominar os dois, a associação que faz destes espaços com a aquisição de conhecimento. Simbolicamente, segundo Chevalier (1986), a coruja, por não enfrentar a luz do dia, é um símbolo da tristeza, de obscuridade, solidão, retiro e melancolia. Ao mesmo tempo faz parte do Antigo Mundo, é cheia de sabedoria e experiência; por isso está entre os ‘primeiros animais’, os mais nobres.

Um segundo entrevistado descreveu o Google fazendo alusão à capacidade da companhia em adentrar a vida da sociedade. O aluno o associa às formigas; porque elas “estão em todos os lugares, entram em todos os lugares”. Novamente recorrendo a Chevalier (1986), podemos dizer que: simbolicamente consideradas à atividade laboriosa e à vida organizada em sociedade, as formigas desempenham um papel importante na organização do mundo. Para outro participante o Google, por sua vez, seria um macaco; “porque eles relacionam o macaco com inteligência, dinâmica e não sei, esperteza”. Reconstruindo um pouco de sua simbologia: o macaco é conhecido por sua agilidade, inteligência prática, dinâmica, mas também dispersão, travessura e irreverência. A única aproximação possível como Google para um último aluno foi relativa à presteza com que o buscador processa e entrega as respostas procuradas. Este aluno, no entanto, não atribuiu esta celeridade a nenhum animal específico, dizendo somente que o que tinha em mente era “algo bastante veloz, rápido; um bicho veloz”; volátil e sem forma específica.

Pessoa

Ao solicitar que transformassem a biblioteca em uma pessoa, dois participantes disseram que a mesma seria homem, velho para um deles e de meia idade para outro. Em comum o fato de, em ambos os casos, este homem ter muita sabedoria e conhecimento. Para um seria um professor e para outro um poeta. Os dois outros entrevistados visualizaram a biblioteca como uma mulher. Para um deles, seria simplesmente adulta, para o outro, bem velha. Eles concordaram que se trataria de uma pessoa muito “doutrinada”, contudo um deles lhe atribuiu ao mesmo tempo características de prosperidade, riqueza e antipatia.

Com relação ao Google, dois deles acreditaram que o buscador seria uma pessoa bem jovem e com empregos informais, caracterizando de certa forma uma falta de compromisso com o que oferece. Em contrapartida, os dois demais imaginaram o Google em uma idade intermediária, dotado de bastante vivência e trabalhando em profissões mais tradicionais, reconhecidamente de mais rigor regulamentar e responsabilidade.

5. Conclusões

O emprego da Abordagem Clínica da Informação neste trabalho não trata apenas de trabalhar as imagens e os símbolos como ferramentas de marketing para reposicionar uma marca, uma geração, uma ideia, ou no caso, a biblioteca. Ela busca construir um referencial de análise com premissas de uma nova compreensão da biblioteca pelos jovens e fazer com que esta possa assumir outra significação simbólica.

Muito embora tenha se comprovado que a biblioteca não é fonte de informação para a amostra, a evidencia mais significativa foi com relação à “alma encantadora das bibliotecas” (Antunes, Paula & Sirihal Duarte, 2016). As declarações e a forma com que os participantes se expressaram ao falar da mesma asseveraram a existência de uma relação afetiva comum, uma representação coletiva expressa por suas subjetividades. Para eles há a impressão de que existe algo etéreo e imaterial que emana das bibliotecas. O “clima” instaurado foi o quesito que mais se destacou. A biblioteca é muito valorizada principalmente pela atmosfera de silêncio e quietude, bem como pela incitação à leitura e aquisição de conhecimento, colocada pelos alunos como algo intrínseco à presença na biblioteca. Os sentimentos evocados pelos estudantes giraram em torno da curiosidade diante da vastidão material que as bibliotecas

abrigam, mas foram mais expressivos com as emoções e estados de espírito, como respeito, paz, curiosidade e introspecção. De um modo geral, mais que pelo seu acervo, a biblioteca os fascina pelo espaço e pelo que delas provém. Ainda assim, fato digno de nota é que, apesar de todo esse imaginário e percepções, eles não a frequentam.

Com relação ao Google, a presença do buscador provou ser consolidada no dia a dia dos jovens e a força da marca tornou-se evidente. Efetivamente os alunos estão bem mais próximos dele do que a biblioteca. Ainda assim, há um imaginário sobre a biblioteca que não se reproduziu sobre o Google.

Se historicamente as bibliotecas eram instituídas de um valor simbólico, emblema de conhecimento, tradição e poder, hoje, na era dos nativos digitais, observa-se que a informação encerrada em livros e paredes não se justifica mais. Sendo assim, para determinar a relação dos jovens de hoje com a biblioteca é preciso encontrar o elo perdido (ou que, no caso, nunca foi criado) entre estes sujeitos e a instituição. Explica-se: como as subjetividades são construídas com a vivência e com o meio em que o indivíduo está inserido, se a visita a biblioteca não faz parte de seu círculo, tudo o que está e representa vai se perdendo ou deixando de ser construído para o sujeito. É a tradição que eles reconhecem extrinsecamente, mas não em seu interior. Assim, sugere-se trabalhar a altíssima simbologia e representatividade que circunda a biblioteca no imaginário destes jovens e retomar a afetividade presente nela para ressignificar a ida à biblioteca como uma experiência transformadora (Antunes, Paula & Sirihal Duarte, 2016).

O mesmo se diz da concepção que o sujeito e a sociedade têm da biblioteca e do bibliotecário: tratam-se de construções feitas através de representações sociais construídas na interação entre esses partícipes ao longo de milênios de história. Como a realidade é uma criação social – procedente da compreensão e interpretação de mensagens – a percepção da biblioteca pelo sujeito revela um grande poder imaginativo, seja este consciente ou não. Desta forma, ressalta-se a relevância de investir nos estudos sobre o imaginário e suas possíveis aplicações na Biblioteconomia e Ciência da Informação.

6. Referências Bibliográficas

- AGOSTO, D. & Hughes-Hassell, S. (2005). People, places, and questions: An investigation of the everyday life information-seeking behaviors of urban young adults. *Library and Information Science Research*, 27, v.2, 2005. p. 141–163.
- AGUIAR, F. (2001). Método Clínico: Método Clínico? *Psicol. Reflex. Crit.*, Porto Alegre, v. 14, n. 3, p. 609-616, 2001. Recuperado em março de 2016 de: <http://goo.gl/Pna5q0>.
- ANTUNES, M.L.A (2015). *Comportamento informacional em tempos de Google*. Dissertação. Universidade Federal de Minas Gerais, Escola de Ciência da Informação. Belo Horizonte. Recuperado em julho de 2016 de: <http://www.bibliotecadigital.ufmg.br/dspace/handle/1843/BUBD-A8SJ7E>.
- ANTUNES, M.L.A, Paula, C.P.A. & Sirihal Duarte A.B. (2016). Abordagem Clínica da Informação: a alma encantadora das bibliotecas e a força da marca Google. *Anais do X EDICIC*, Belo Horizonte, MG, Brasil. Setembro de 2016.
- ARAÚJO, E.P.O. (2013). *Tomada de decisão organizacional e subjetividade: análise das dimensões simbólico-afetivas no uso da informação em processos decisórios*. Dissertação. Universidade Federal de Minas Gerais. Belo Horizonte.
- ARAÚJO, E.P.O. & Paula, C.P.A (2013). Abordagem clínica da informação e at-9: investigando o universo da tomada de decisão pela via simbólico-afetiva. *Perspectivas em Gestão & Conhecimento*, João Pessoa, v. 3, número especial (out. 2013), p. 197-217.
- AVELLAR, L.Z. (2009). A pesquisa em psicologia clínica: reflexões a partir da leitura da obra de Winnicott. *Contextos Clínicos*, 2(1):11-17, janeiro-junho 2009. Recuperado de: <http://zip.net/bhsFpM> em 05 janeiro de 2016.
- BAPTISTA, S.G & Cunha, M.B. (2007). Estudo de usuários: visão global dos métodos de coleta de dados. *Perspectivas em Ciência da Informação*, v.12, (2), p.168-184, 2007. Recuperado de: <http://zip.net/bfsD5Z> em 05 janeiro de 2016.
- BARBIER, R. (1985). Pesquisa ação na instituição educativa. Rio de Janeiro: Jorge Zahar.
- BERNINGER, V. (2012). Evidence-Based, developmentally appropriate writing skills K–5: teaching the orthographic loop of working memory to write letters so developing writers can spell words and express ideas. Presented at *Handwriting in the 21st Century: An Educational Summit*, Washington, D.C., January 23, 2012.
- CALLEGARO, M.M. (2011). O novo inconsciente: como as terapias cognitivas e as neurociências revolucionaram o modelo do pensamento mental. Porto Alegre: Artmed.
- CARR, D. (2009). How Good (or Not Evil) Is Google? *New York Times*, Nova Iorque, 21 jun. Recuperado de

- <http://www.nytimes.com/2009/06/22/business/media/22carr.html> em agosto de 2016.
- CARR, N. (2008). Is Google Making Us Stupid?: What the Internet is doing to our brains. *The Atlantic Monthly*, Boston, p.1-9, ago. 2008. Recuperado de: <http://is.gd/WmRTVh> em 11 mar. 2013.
- CARR, N. (2011). *A geração superficial: o que a internet está fazendo com os nossos cérebros*. Rio de Janeiro, Agir.
- CASTELLS, M. (1999). *A Era da Informação: economia, sociedade e cultura*, vol. 3, São Paulo: Paz e Terra.
- CHEVALIER, J. (1986). *Diccionario de los símbolos*. Barcelona: Editorial Herder. 554p.
- CHEVALIER, J. & Gheerbrant, A. (1997). *Dicionário de Símbolos*. Mitos, sonhos, costumes, gestos, formas, figuras, cores, números. Rio de Janeiro: José Olympio Editora, 11 ed.
- CORRIGALL, K.A, Schellenberg, E.G & Misura, N.M. (2013). Music training, cognition, and personality. *Frontiers in Psychology*, 4 (222). Recuperado de: www.ncbi.nlm.nih.gov/pubmed/23641225 em 13 jan. 2016.
- COSTA, L.F & Brandão, S.N. (2005). Abordagem clínica no contexto comunitário: uma perspectiva integradora. *Psicol. Soc.* v.17 (2) maio-ago. 2005. Recuperado de: <http://dx.doi.org/10.1590/S0102-71822005000200006> em 05 jan. 2016.
- CUNHA, M.B; Amaral, S.A & Dantas, E.B. (2015). *Manual de estudos de usuários da informação*. São Paulo: Atlas, 448p.
- D'ALLONES, C.R *et al.* (2004). *Os Procedimentos clínicos nas ciências humanas*. São Paulo: Casa do Psicólogo.
- DIAZ-ISENRATH, C. (2005). Um estudo sobre o Google: questões para uma leitura micropolítica das tecnologias da informação, *Liinc em revista*, v.1 (2), setembro 2005, p. 96-117.
- EGGER-SIDER, F. & Devine; J. (2005). Google, the Invisible Web, and librarians : slaying the research Goliath. In: Miller, W. & Pellen, R.M (Orgs) 2005. *Libraries and Google*. Binghamton, NY: Haworth Information Press, 2005. p. 89-101.
- EPSTEIN, R. (2014). *Democracy at risk: how voters in the 2014 elections in India were manipulated by biased search rankings*. AIRBT, maio 2014. Recuperado de: <http://aibrt.org/index.php/internet-studies> em jul 2015.
- EPSTEIN, R. & Robertson, R.E. (2013). Democracy at risk: Search rankings can shift voter preferences substantially. In: *Annual meeting of the Association for Psychological Science*, 25th. 2013, Washington, DC.

- FERREIRA, A.E.A. (2013). *Dicionário de imagens, símbolos, mitos, termos e conceitos Bachelardianos*. Londrina: Eduel, 2013. [Livro eletrônico]. Recuperado de: <http://zip.net/bstjFq> em abril de 2016.
- FEUZ, M.; Fuller M. & Stalder, F. (2011). Personal Web searching in the age of semantic capitalism: diagnosing the mechanisms of personalisation. *First Monday*, v.16, (2) fev. 2011. Recuperado de <http://firstmonday.org/article/view/3344/2766> em agosto de 2016.
- FIALHO, J. (2013). Experiência com estudantes do ensino médio através da pesquisa escolar orientada. *Perspectivas em Ciência da Informação*, 18(1), 15-25. Recuperado de <https://dx.doi.org/10.1590/S1413-99362013000100003> em agosto de 2016.
- FIGUEIREDO, N.M. (1994). *Estudos de uso e usuários da informação*. Brasília, IBICT. 154 p.
- GASQUE, K.C.G.D, & Costa, S.M.S. (2010). Evolução teórico-metodológica dos estudos de comportamento informacional de usuários. *Ciência da Informação*, 39(1), 21-32. Recuperado de <https://dx.doi.org/10.1590/S0100-19652010000100002> em agosto de 2016.
- HALPERN, A.R.; Bartlett, J.C. & Dowling, W.J. (1995). Aging and experience in the recognition of musical transpositions. *Psychology and Aging*. v. 10(3), set 1995. 325-342.
- JAMES, K.H. (2012). How Printing Practice Affects Letter Perception: An Educational Cognitive Neuroscience Perspective. Presented at *Handwriting in the 21st Century: An Educational Summit*, Washington, D.C., January 23, 2012.
- KATTENBERG, S.J. (2011). *Search here: A historical analysis of search engines development*. Monografia - University of Utrecht, Faculty of Humanities. Utrecht. Recuperado de: <http://goo.gl/9e2bH9> em julho de 2014.
- KULATHURAMAIYER, N. & Balke, W.T. (2006). Restricting the View and Connecting the Dots: dangers of a Web Search Engine Monopoly. *Journal of Universal Computer Science*, v. 12, (12), 1731-1740.
- LEGEY, L.R & Albagly, S. (2000). Construindo a sociedade da informação no Brasil: uma nova agenda. *Datagrama zero*, v. 1, (5), out., 2000. Recuperado de http://www.dgz.org.br/out00/Art_02.htm em 20 fevereiro de 2013.
- LURKER, M. (1997). *Dicionário de Simbologia*. São Paulo: Martins Fontes.
- MACHADO, M.N.M. (2010). Intervenção Psicossociológica, Método Clínico de Pesquisa e de Construção Teórica. *Pesquisas e Práticas Psicossociais* 5(2), São João del-Rei, agosto/dezembro. Recuperado de http://www.ufsj.edu.br/portal2-repositorio/File/revistalapip/volume5_n2/Mata_Machado.pdf em agosto de 2016.

- MIELI, S. (2008). Os perigos do Google como único filtro da realidade. *Brasil de fato*, São Paulo, v.6 (274), p.2-29. Recuperado de <https://www.brasildefato.com.br/node/3601/> em agosto de 2016.
- MILLER, W. & Pellen, R. M (Orgs). (2005). *Libraries and Google*. Binghamton, NY: Haworth Information Press. 240 p.
- PALFREY, J.G & Gasser, U. (2008). *Born digital: understanding the first generation of digital natives*. New York: Basic Books. 375 p.
- PARISER, E. (2012). *O filtro invisível: o que a internet está escondendo de você*. Rio de Janeiro: Zahar. 250 p.
- PAULA, C.P.A. (1999). *Informação e psicodinâmica organizacional: um estudo teórico*. Dissertação Mestrado. Escola de Ciência da Informação. Universidade Federal de Minas Gerais. Belo Horizonte.
- PAULA, C.P.A. (2005). *O símbolo como mediador da comunicação nas organizações: uma abordagem junguiana das relações entre a dimensão afetiva e a produção de sentido nas comunicações entre professores do departamento de Psicologia de uma instituição de ensino superior brasileira*. Tese (Doutorado). Departamento de Psicologia Social e do Trabalho. Instituto de Psicologia, USP. São Paulo.
- PAULA, C.P.A. (2011). Dimensões simbólicas e afetivas do uso da informação: uma análise das comunicações entre professores do departamento de psicologia de uma instituição de ensino superior pública brasileira. In: *Anais do XII ENANCIB*. Brasília: v. 1. p. 01-20.
- PAULA, C.P.A. (2012). Proposta de metodologia para a investigação do comportamento de busca informacional e do processo de tomada de decisão dos líderes nas organizações: introduzindo uma abordagem clínica na informação. *XIII ENANCIB*. Rio de Janeiro.
- PAULA, C.P.A. (2013a). Psicologia, gestão e conhecimento. *Perspectivas em Gestão & Conhecimento*, João Pessoa, v. 3, Número Especial, p. 1-5.
- PAULA, C.P.A. (2013b). A investigação do comportamento de busca informacional e do processo de tomada de decisão dos líderes nas organizações: introduzindo a abordagem clínica da informação como proposta metodológica. *Perspectivas em Gestão & Conhecimento*, João Pessoa, v. 3, Número Especial, p. 30-44.
- PAULA, C.P.A. (2015). O bibliotecário como um information doctor. *Bibl. Univ.*, Belo Horizonte, v. 2, número especial, p. 65-79, fev. 2015. Recuperado de <https://goo.gl/kFXbti> em agosto de 2015.
- PEREIRA, G.A.L. (2009). *Economia digital redes eletrônicas e novas modalidades de concorrência: o caso do Google*. Dissertação (Mestrado) Universidade do Vale do Rio do Sinos. São Leopoldo, 2009. Recuperado de <http://zip.net/byybyN> em maio de 2014.

- PLAZA, M. (2004). A psicologia clínica: os desafios de uma disciplina. In: Giami; M. Plaza (eds.) (2004). Os procedimentos clínicos nas ciências humanas: documentos, métodos, problemas. São Paulo, Casa do Psicólogo, p. 03-16.
- PRENSKY, M. (2001). Digital natives, digital immigrants. *On the Horizon, NCB University Press*, v. 9 (5), out. 2001.
- RENTFROW, P.J. (2012). The role of music in everyday life: Current directions in the social psychology of music. *Social and Personality Psychology Compass*, 6(5), 2012. p. 402–416. Recuperado de <http://dx.doi.org/10.1111/j.1751-9004.2012.00434.x> em 13 jan. 2016.
- RENTFROW, P.J. & McDonald, J.A. (2009). Music preferences and personality. In P. N. Juslin; J. Sloboda (eds.). *Handbook of music and emotion*. Oxford, United Kingdom: Oxford University Press. p. 669–695.
- ROWLANDS, I. & Williams, P. (2008). *Information behaviour of the researcher of the future: the literature on young people and their information behaviour*. Londres: British Library / JISC.
- SAMUELS, A.; Shorter, B. & Plaut, A. (1998). Dicionário crítico de análise junguiana. Rio de Janeiro: Imago.
- SÁNCHEZ-OCAÑA, A.S. (2013). *A verdade por trás do Google*. A inquietante realidade que não querem que você conheça. São Paulo: Planeta. 304p.
- SANTANA, L. (2008). Por dentro do Google, a empresa que dominou o mundo. *Revista Exame*, São Paulo, n. 6, ano 42, 2008. p. 22-29.
- SERBENA, C.A. (2010). Considerações sobre o inconsciente: mito, símbolo e arquétipo na Psicologia Analítica. *Revista da Abordagem Gestáltica*, Gestalt-terapia de Goiânia (ITGT), XVI (1): 76-82, jan-jul.
- SMALL, G. *et al.* (2009). Your Brain on Google: Patterns of Cerebral Activation during Internet Searching. *American Journal of Geriatric Psychiatry*, Bethesda, n., p.116-126, 17 fev. 2009. Recuperado de <http://is.gd/JmXCuW> em 19 mar. 2013.
- SOBRE O GOOGLE. INFORMAÇÕES CORPORATIVAS. (2014). Recuperado de <http://www.google.com.br/intl/pt-BR/about/company/> em 17 mar. 2014.
- SPARROW, B.; Liu, J. & Wegner, D. M. Google Effects on Memory: Cognitive Consequences of Having Information at Our Fingertips. *Science*, New York, v. 333, p.776-779, 5 ago. 2011. Recuperado de <http://science.sciencemag.org/content/333/6043/776.full> em 13 fev. 2013.
- TAPSCOTT, D. (2009). *Grown up digital: how the Net generation is changing your world*. New York: McGraw Hill. 385p.
- TASSARA, E.T.O & Rabinovich, E.P. A invenção do urbano e o poético: uma cartografia afetiva – Estudo sobre o bairro paulistano da Barra Funda. In: Tassara, E. T. O. (Org). (2001)

Panoramas interdisciplinares para uma psicologia ambiental do urbano. p.211-267. São Paulo: Educ; Fapesp.

VAIDHYANATHAN, S. (2011). A Googlelização de tudo e por que devemos nos preocupar: a ameaça do controle total da informação pela maior e mais bem-sucedida empresa do mundo virtual. São Paulo: Cultrix.